



Em direção a novos paradigmas da ciência: contribuições da Ciência Ontopsicológica

Ricardo Schaefer

Doutor em Administração (UFSM), Docente na Antonio Meneghetti Faculdade
ricardoschaefer@libero.it

Resumo: Ao longo dos séculos, diferentes tipos de conhecimentos foram usados pelo homem para analisar e interpretar a realidade, para chegar a entendimentos de si mesmo e do mundo a sua volta, a fim de entendê-lo e transformá-lo. Essa busca pelo entendimento da realidade conduziu o homem à criação de diversas ciências em diferentes épocas. Os questionamentos que motivaram a humanidade ao longo da sua história tiveram, em cada período, diferentes respostas. E não apenas, a forma com que as perguntas foram feitas e o modo com que se procedeu para se chegar às respostas também se modificaram. Esse modo de proceder a fim de produzir um conhecimento verdadeiro é chamado de paradigma científico. Partindo dessas premissas, este artigo de desenvolvimento teórico tem o objetivo de descrever a evolução de paradigmas científicos em diferentes épocas, apresentando suas contribuições e limitações em relação à produção de conhecimento científico de valor humano. Partindo dos paradigmas utilizados na Antiguidade Clássica, evolui-se para a concepção positivista de ciência desenvolvida na Idade Moderna até se chegar a propostas contemporâneas. Entre os novos modelos, descreve-se a proposta e contribuições da ciência ontopsicológica que, ao afrontar o problema crítico do conhecimento, possibilita ao pesquisador a objetividade da subjetividade. A Ontopsicologia é uma ciência que permite reestabelecer o nexo entre a lógica da atividade

psíquica e a lógica do ser no homem (nexo ontológico), configurando-se como ciência interdisciplinar e epistêmica

Palavras-chave: Paradigmas científicos; Epistemologia; Ciência ontopsicológica; Ciência interdisciplinar

Towards new scientific paradigms: contributions of the Ontopsychological Science

Abstract: Over the centuries, different types of knowledge were used by man to analyse and interpret reality, to reach self-understanding and the comprehension of the world around us in order to understand it and transform it. This pursuit for understanding reality has led man to the creation of various sciences at different times. The questions that have motivated humanity throughout its history have, in each period, different answers. And not only the way the questions were asked but also the manner in which we proceeded to get the answers have changed. This way of proceeding to reach scientific knowledge is called paradigm. Based on that, this theoretical article aims to describe the evolution of scientific paradigms at different times, with their contributions and limitations in the production of scientific knowledge of human value. Starting from the paradigms used in antiquity, it evolves to the positivist conception of science developed in the modern age, reaching after contemporary proposals. Among the new models, this article describes the proposal and

contributions from ontopsycho logical science, which face the critical problem of knowledge, enabling the researcher the objectivity of subjectivity. Ontopsychology is a science that allows the re-establishment of the link between the logic of psychic activity and logic of being in man (ontological nexus), becoming an interdisciplinary and epistemic science.

Keywords: Scientific paradigms; Epistemology; Ontopsychological science; Interdisciplinary science.

Hacia nuevos paradigmas de la ciencia: contribuciones de la Ciencia Ontopsicológica

Resumen: A lo largo de los siglos, el hombre ha utilizado diferentes tipos de conocimiento para analizar e interpretar la realidad, para llegar a una comprensión de sí mismo y del mundo que lo rodea, con el fin de comprenderlo y transformarlo. Esta búsqueda por comprender la realidad llevó al hombre a crear diferentes ciencias en diferentes momentos. Las preguntas que han motivado a la humanidad a lo largo de su historia tuvieron, en cada período, distintas respuestas. Y no solo eso, también cambió la

forma en que se hicieron las preguntas y la forma en que se procedió a llegar a las respuestas. Esta forma de proceder para producir conocimiento verdadero se denomina paradigma científico. Con base en estas premisas, este artículo de desarrollo teórico tiene como objetivo describir la evolución de los paradigmas científicos en diferentes momentos, presentando sus aportes y limitaciones en relación a la producción de conocimiento científico de valor humano. A partir de los paradigmas utilizados en la Antigüedad clásica, evolucionó hasta la concepción positivista de la ciencia desarrollada en la Edad Moderna hasta llegar a propuestas contemporáneas. Entre los nuevos modelos, se describen la propuesta y aportes de la ciencia ontopsiológica, que, al enfrentarse al problema crítico del conocimiento, habilita al investigador a tener la objetividad de la subjetividad. La Ontopsicología es una ciencia que permite restablecer el vínculo entre la lógica de la actividad psíquica y la lógica del ser en el hombre (vínculo ontológico), configurándose como una ciencia interdisciplinar y epistémica.

Palabras clave: Paradigmas científicos; Epistemología; Ciencia Ontopsicológica; ciencia interdisciplinaria.

1 Introdução

A motivação básica que conduz o homem à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, em sua necessidade de compreender o mundo a sua volta e, sobretudo, na necessidade de compreender a si mesmo. “Tão grande é essa necessidade que, onde não há ciência, o homem cria mitos” (KÖCHE, 2009, p. 44).

A busca de respostas a questões como “onde está a verdade?” marcou a história da humanidade. Da necessidade de saber o porquê dos fenômenos que acontecem na natureza e no universo, aos grandes interrogativos que constituem o problema ontológico do ser humano – “quem sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?” – a história do homem é movida pela busca do conhecimento.

Para responder a essas questões, a humanidade se valeu de diferentes tipos de conhecimento: do conhecimento filosófico ao teológico, do vulgar ou empírico ao conhecimento científico. Ao longo dos séculos, esses conhecimentos foram usados pelo homem para analisar e interpretar a realidade, para chegar a entendimentos de si mesmo e do mundo a sua volta, a fim de entendê-lo e transformá-lo (GALLIANO, 1986).

Com características próprias que a diferenciam das demais formas de conhecer, a ciência “é um conhecimento que inclui, em modo ou medida qualquer, uma garantia da própria validade” (ABBAGNANO, 1998, p. 961). A busca pelo entendimento da realidade – do movimento dos astros ao funcionamento do corpo humano, das forças físicas da natureza às emoções humanas – conduziu o homem à criação das diversas ciências. Nesse processo de busca pela compreensão científica da realidade

interna e externa ao ser humano, que possa levar à atuação e transformação de si e do mundo, Meneghetti (2010; 2013) ressalta que a multiplicidade das ciências nasce da variedade dos problemas aos quais o homem deve responder. Cada setor desenvolve uma técnica específica para resolver um determinado problema e nasce, assim, uma ciência ou disciplina.

Avançando na motivação do ser humano em produzir conhecimento científico, Meneghetti (2010, p. 27) evidencia que “fazer ciência significa escolher um espaço operativo e compreender suas causas para variá-las de acordo a funcionalidade”. Nesse sentido, a ciência deve trazer utilidade, função, vantagem, benefício ao ser humano e ao grupo que a produz. O conhecimento científico deve servir, por exemplo, à ampliação da qualidade de vida, ao progresso econômico e social, ao aumento da dignidade e do valor humano no contexto em que é desenvolvido e aplicado.

Por meio desse caráter instrumental da ciência, o conhecimento é utilizado para transformar a realidade e satisfazer as necessidades humanas. A ciência é assim “um *saber teórico* (explica o real) e um *poder prático* (maneja o real pela técnica)” (SEVERINO, 2010, p. 110). A ciência desenvolvida e aplicada, por meio do progresso tecnológico, pode trazer benefícios à sociedade. Esse processo caracteriza a inovação: um princípio científico, tecnologicamente aplicado, é passado à sociedade. Para se compreender como nasce e se desenvolve uma ciência a fim de que produza conhecimento e gere evolução ao contexto social, é fundamental o entendimento do paradigma que a sustenta, como se observa a seguir.

2 Os paradigmas científicos

Os questionamentos que motivaram a humanidade ao longo da sua

história tiveram, em cada período, diferentes respostas. E não apenas, a forma com que as perguntas foram feitas e o modo com que se procedeu para se chegar às respostas também se modificaram. Esse modo de proceder, a fim de produzir um conhecimento verdadeiro, é chamado de paradigma científico.

Etimologicamente, paradigma vem do grego *paradeigma*, vocábulo constituído de “para,” que significa “sob, aquilo que está por baixo, que vai junto e sustenta”; e “*deigma*” que quer dizer “demonstração”. Portanto, paradigma significa a base de sustento da demonstração racional, aquilo que está sob a demonstração, a garantia de um modelo para elaborar ciência e conhecimento de dimensão humana (VIDOR, 2014).

Severino (2010) destaca que, para se fazer ciência, não basta seguir um método e aplicar técnicas, é preciso, antes disso, referir-se a um fundamento epistemológico, que sustenta e justifica a própria fenomenologia. “Ao fazer ciência, o homem parte de uma determinada concepção acerca da natureza do real (pressupostos ontológicos) e acerca do seu modo de conhecê-la (pressupostos epistemológicos). A sistematização dessas posições de fundo são os chamados paradigmas” (SEVERINO, 2010, p. 107).

O autor exemplifica esse entendimento comparando o modo positivista ao modo metafísico de compreender a realidade. No positivismo, como se percebe com mais detalhes nas sessões seguintes, o real é a natureza física (pressuposto ontológico ou modo de ser no mundo) e somente se pode ter acesso a esse mundo mediante uma abordagem experimental matemática das manifestações fenomênicas (pressuposto epistemológico). Já, segundo o modo metafísico de pensar e conhecer

(concepção metafísica do real), a natureza física é posta e sustentada por uma dimensão transcendente, que constitui a essência das coisas, dos entes, dos objetos (pressuposto ontológico) e que pode ser compreendida por meio da razão humana (pressuposto epistemológico). Os pressupostos sistematizados de cada um desses modos de produzir conhecimento constituem o seu respectivo paradigma (SEVERINO, 2010).

Um paradigma científico é, portanto, um conjunto de pressupostos ontológicos e epistemológicos, que definem modelos explicativos, critérios, regras metodológicas e procedimentos utilizados para se produzir conhecimento científico. Esse conceito já era utilizado na Grécia Antiga para indicar um modelo ou exemplo a seguir. Com o desenvolvimento da ciência e suas diferentes disciplinas, o conceito assumiu um significado epistemológico e passou a ser usado em várias acepções. Na visão de Kuhn (1997), esses diferentes entendimentos podem ser reconduzidos a dois significados de base: a) em primeiro lugar a um conjunto das teorias, valores e técnicas de pesquisa compartilhados por uma determinada comunidade científica para definir problemas e soluções legítimos; b) em segundo lugar, um paradigma é entendido como o modelo exemplar alcançado por pesquisas estavelmente fundadas sobre um ou mais resultados de investigações científicas anteriores.

Capra (2006) generaliza a definição de paradigma científico de Kuhn a fim de obter um paradigma cultural, entendido como a “constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira de como a sociedade se organiza” (CAPRA, 2006, p. 24). Um paradigma, portanto, pode determinar a

visão de homem, de ciência e de mundo, estruturando e direcionando toda uma sociedade.

Não existe, assim, uma única concepção da realidade, visto que também não existe uma única concepção de ciência e do seu modo de proceder para produzir conhecimento científico. A visão de ciência mudou ao longo do tempo e, como consequência, novos paradigmas científicos foram sendo criados. A seguir, será analisado esse processo de modo exemplificativo – e naturalmente não exaustivo, dada a diversidade dos modos de fazer ciência e conhecimento ao longo da história da humanidade.

3 A visão clássica da ciência

O nascimento da história das ciências coincide com o nascimento do pensamento filosófico grego, pelo menos no que se refere à civilização ocidental. Os filósofos da Grécia Antiga são as primeiras figuras históricas de intelectuais laicos, os primeiros a estudarem e entenderem o mundo sem fazerem referência aos valores sociais da sua época, apenas fazendo uso unicamente das próprias capacidades perceptivas e intelectivas (MENEGETTI, 2010).

É, na Grécia Antiga, no período dos filósofos pré-socráticos, que ocorre a ruptura com o conhecimento mitológico, predominante em diferentes sociedades até então:

Os pré-socráticos começaram a substituir a concepção de mundo caótico concebido pela mitologia pela ideia de cosmos. Na concepção mitológica e antropomórfica, os fenômenos que aconteciam no mundo ocorriam de forma caótica, pois eram desencadeados por forças espirituais e sobrenaturais comandadas pela vontade

arbitrária e imprevisível dos deuses. Na visão pré-socrática [Tales de Mileto, Anaximandro, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito] foi inserida a ideia da existência de uma ordem natural do universo, despida da influência ou interferência da vontade imprevisível das divindades. O universo era ordem, era cosmos. E ele estava ordenado por princípios (*arché*) e leis fixas e necessárias, inerentes à própria natureza. Seus fenômenos estavam relacionados a causas e forças naturais que podiam ser conhecidas e previstas (KÖCHE, 2009, p.44).

Os gregos viam o mundo, portanto, dotado de uma ordem e estrutura natural que governava o cosmos e regia os seus acontecimentos, por meio do qual todo o ser adquiria sentido. Köche (2009) ressalta que, naquele período, não havia distinção entre ciência e filosofia como temos hoje, e ao cientista ou filósofo cabia a busca dessa ordem, apreendê-la, compreendê-la e demonstrá-la.

O método de pesquisa usado pelos primeiros cientistas ou filósofos foi a observação. E por observação, destaca Meneghetti (2010), não se entendia apenas o observar com a visão, mas com todo o sistema perceptivo (sentir os odores, tocar a matéria, sentir o gosto das coisas etc.), ou seja, todo o sistema perceptivo-cognitivo humano era usado como instrumento de conhecimento.

Entre os pensadores gregos, destacou-se Sócrates (470-399 a.C.), que tinha a tendência curiosa de observar e, depois, dialogar com os seus discípulos, usando um método dialético, dividido em dois momentos: a “ironia” e a “maieutica”. Com a ironia, fazendo-se ignorante diante do seu interlocutor, Sócrates o provocava ao diálogo. Com a maiêutica (ou a arte da parteira), o filósofo fazia emergir a verdade do íntimo do próprio interlocutor. Sócrates limitava-se a fazer questionamentos, a fim de que o seu interlocutor,

oportunamente solicitado, tomasse consciência do problema de modo autônomo e descobrisse a verdade dentro de si (MENEGETTI, 2010). Já, para Platão (428-347 a.C.), discípulo de Sócrates, todo conhecimento é uma recordação e a percepção do mundo é um estímulo à recordação de ideias inatas. O conhecimento se dá por meio de uma visão do intelecto, quando reconhece, na complexidade do mundo real, as formas essenciais e prototípicas, ou seja, as ideias. (NICOLA, 2005).

Se, para Platão, o conhecimento é reminiscência das ideias inatas, para Aristóteles (384-324 a.C.), seu discípulo, essa passagem é possível, porque a mente é capaz de observar e catalogar as informações de coisas ainda observadas (ilações). Aristóteles representa para os contemporâneos o fundamento científico da lógica racional. Perguntando-se como a mente funciona, como o homem mede o que observa, chegou à compreensão de dois momentos do intelecto humano aplicado como razão: o raciocínio indutivo ou processo de generalização (percurso racional do “particular” ao “universal” ou princípio geral) e o raciocínio dedutivo (percurso racional do “universal” ao “particular”, que permite, de um princípio geral, deduzir-se que um fato particular siga o mesmo princípio). Aristóteles representa o vértice de uma parábola de crescimento da cultura e do berço do intelecto que era o mundo grego (MENEGETTI, 2010).

Todos esses filósofos e cientistas gregos partilhavam da concepção metafísica do real. Severino (2010) explica que esse modo metafísico de pensar e conhecer era fundado no entendimento de que o ser humano poderia, com as luzes da própria razão, chegar à essência das coisas, dos entes, dos objetos. “Cada objeto tem uma essência, uma natureza própria, imutável, responsável pela identidade específica desse objeto. Por um processo

epistêmico, a abstração, nós chegaríamos a essa essência, conjunto de características permanentes que realizavam a identidade de cada ser” (SEVERINO, 2010, p. 109). Sob esse paradigma, nasceram e se desenvolveram na Antiguidade Clássica disciplinas como a física, a biologia, a antropologia, a ética, a aritmética, a metafísica, a estética, a política, a lógica, a medicina, a cosmologia, entre outras (KÖCHE, 2009).

Havia, desse modo, na Grécia Antiga e em períodos subsequentes, o pressuposto da capacidade da razão humana para conhecer a essência das coisas e, a partir dele, desenvolveram-se diferentes conhecimentos e disciplinas. Essa concepção metafísica do real predominou nos longos períodos hegemônico-culturais da Antiguidade Clássica e da Idade Média, ganhando desdobramentos próprios em cada época e civilização.

Na civilização romana, por exemplo, o pensamento grego foi assimilado e endereçou-se a um novo campo de pesquisa: a aplicação prática. A filosofia não deveria ser apenas especulação ou reflexão sobre os fatos, mas o começo de uma aplicabilidade prática, servindo como instrumento de desenvolvimento da tecnologia, providencial para a progressiva expansão e controle do Império Romano. Sucessivamente, na Idade Média, a concepção metafísica da realidade foi empossada pela Igreja Católica e a fé tornou-se prioritária em relação à ciência. As diversas ordens religiosas passaram a fornecer a base filosófica da verdade por meio da fé (MENEGETTI, 2010).

Esse período perdurou até o final do século XVI, quando a harmonia entre a ciência e a fé se rompeu. Ocorreu a chamada Revolução Científica, a qual gerou mudanças que, como o próprio nome indica, revolucionaram o modo de

produzir ciência em relação aos séculos precedentes.

4 A Idade Moderna e a Revolução Científica

Entre a segunda metade do século XVI e o fim do século XVII, entre a publicação da obra *De revolutionibus orbium coelestium* (1543), de Copérnico (1473-1543), e os *Principia mathematica* (1687), de Newton (1643-1727), toma corpo no continente europeu a Revolução Científica, caracterizada por uma profunda transformação da concepção do universo físico e um repensar o saber científico da época, dos seus métodos e dos seus escopos, a partir dos quais se originou a chamada ciência moderna (CAROTENUTO, 2009).

Descrevendo as mudanças que ocorreram nesse período, Carotenuto (2009) destaca importantes passagens como: - mudança dos conceitos de ciência e de verdade científica;

- crítica ao princípio da autoridade presente na Idade Média: a experiência e a razão são consideradas garantias maiores de verdade em relação às antigas doutrinas teológicas;

- afirmação da concepção mecanicista da realidade natural e humana, substituindo-se o finalismo da metafísica clássica pelo determinismo;

- superação da distinção entre a astronomia física celeste e a física terrestre, com a descoberta de que não são diversas por natureza, respondendo aos mesmos princípios;

- predomínio da cooperação entre pesquisadores, e os instrumentos produzidos pela técnica passam a ter um papel determinante na pesquisa científica;

- substituição do ideal contemplativo da ciência clássica e medieval por uma mais forte consciência da utilidade prática do saber científico;

- nascimento da linguagem científica moderna, inspirada em

exigências de rigor e clareza geométrica, não “sofrendo” do “caráter vago e alusivo” da terminologia filosófica e científica precedente.

Torna-se também central, na Idade Média, o problema do *método* para se produzir o conhecimento científico. Os estudiosos e as universidades passam a estabelecer um percurso metodológico que o pesquisador deve seguir para permitir que a sua observação também possa ser transmitida aos outros. Estabelece-se a relação prioritária entre causa e efeito: se um elemento varia, ao variar de um outro, significa que existe uma relação entre os dois. Os dois momentos da racionalidade humana descritas por Aristóteles – a indução e a dedução – passam a ser regulamentados pela *experimentação*, que consente a qualquer pesquisador *repetir e reproduzir* um determinado experimento (MENEGETTI, 2010).

Galileu (1564-1642), um dos primeiros teóricos do método experimental, introduziu a matemática e a geometria como linguagens da ciência e estipulou o teste quantitativo-experimental das suposições teóricas, como mecanismo necessário para avaliar a veracidade das hipóteses e definir a chamada verdade científica (KÖCHE, 2009). Na visão de Galileu,

[...] cabe à razão apresentar para essa natureza organizada geométrica e matematicamente suas perguntas inteligentes, manifestadas através de hipóteses quantitativas, para que ela lhe respondesse quando forçada por um experimento. Ao homem competiria, com sua razão, teorizar e construir a interpretação matemática do real e à natureza caberia responder se concordava ou não com o modelo sugerido (KÖCHE, 2009, p. 49).

Os principais passos propostos por Galileu para o método experimental foram: 1. observação dos fenômenos; 2. análise dos elementos constitutivos

desses fenômenos, estabelecendo relações quantitativas entre eles; 3. indução de hipóteses; 4. verificação das hipóteses através de experimentos; 5. generalização do resultado das experiências para casos similares; 6. confirmação das hipóteses, obtendo-se, a partir dela, leis gerais (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Também buscando uma sistematização das pesquisas, Bacon (1561-1626), contemporâneo de Galileu, descreve que o método científico deveria seguir os seguintes passos: 1. experimentação; 2. formulação de hipóteses; 3. repetição da experimentação por outros cientistas; 4. repetição do experimento para testagem das hipóteses; 5. formulação das generalizações e leis. Pregador da necessidade do controle experimental, Bacon dizia que “não é de se dar asas ao intelecto, mas chumbo e peso para que lhe sejam coibidos o salto e voo” (KÖCHE, 2009, p. 49).

Ao lado de Galileu e Bacon, no mesmo século, surge Descartes (1596-1650), com o qual a necessidade do método da pesquisa científica encontra sua consagração. O cientista postula 4 regras para a aplicação do método científico (MARCONI; LAKATOS, 2011):

- a da evidência: não acolher jamais como verdadeira uma coisa que não se reconheça evidentemente como tal;

- a da análise: dividir cada uma das dificuldades em tantas partes quantas necessárias para melhor resolvê-las;

- a da síntese: conduzir ordenadamente os pensamentos, principiando com os objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, em seguida, em sequências de complexidade crescente;

- a da enumeração: realizar sempre enumerações tão cuidadosas e revisões tão gerais que se possa ter certeza de nada ter sido omitido.

Se houve uma revolução científica, isso se deve também muito à revolução tecnológica. Severino (2010) explica que, com o método científico desenvolvido na Idade Moderna, a ciência alcançou grande êxito, e esse sucesso foi reforçado pelo seu poder de manipular o mundo mediante a *técnica*. “A ciência se legitimou por sua eficácia operatória, com a qual forneceu aos homens recursos reais elaborados para a sustentação de sua existência material. A técnica serviu de base para a indústria, para a revolução industrial, o que ampliou, sobremaneira, o poder do homem em manipular a natureza” (SEVERINO, 2010, p. 105).

Nos séculos seguintes, o Positivismo, corrente filosófica criada por Auguste Comte (1798-1857), proporcionou a legitimação do rigor metodológico. O Positivismo reconheceu o valor central das ciências e definiu os cânones universais do método científico, completando o percurso iniciado com Galileu. Antes de tudo, para ser definida como tal, uma ciência deve possuir um modelo preditivo, um objeto de estudo, um método e um fim. Deve ser experimental e, para tanto, os seus experimentos devem ser repetíveis e reproduzíveis, conduzindo a formulações de leis e explicações relativas aos fenômenos observados, com a rejeição absoluta de hipóteses não verificadas. Essa visão consente o êxito das ciências ligadas à aplicação do método que sancionam uma fé absoluta no progresso tecnológico. Esse processo acaba setorizando ainda mais os ramos das ciências, que se tornam cada vez mais especializadas (MENEGETTI, 2010).

Os resultados alcançados geraram, assim, uma confiabilidade cega na ciência. “Pensou-se que se poderia, sem interferências de ordem subjetiva, teórica, ou metafísica, descobrir as leis ou princípios que comandavam os fenômenos da realidade” (KÖCHE, 2009,

p. 57). Tinha-se, supostamente, chegado, portanto, a um conhecimento que havia alcançado a “objetividade”, ou seja, um conhecimento que era o espelho fiel da realidade, fundamentado nos fatos e não nas suposições da subjetividade humana (KÖCHE, 2009). E esse modelo, inicialmente físico, deveria ser adotado por todas as ciências:

Na modernidade, a ciência tornou-se instância hegemônica de conhecimento, ao se propor como substituto da metafísica, área filosófica que pretendia ser um modo verdadeiro e universal de se conhecer o real. Mostrando que essa pretensão não se sustentava, os modernos também conceberam a ciência como sendo a única modalidade de conhecimento válido, portanto, também universal e verdadeiro. Por isso, a ideia deles é que também só existiria um único método. Foi sob esta perspectiva da unicidade metodológica que se formou e desenvolveu o sistema das Ciências Naturais. E foi também sob essa inspiração que vingou a proposta de se criar o sistema das Ciências Humanas, uma vez que também o homem e suas manifestações deveriam ser tratados como fenômenos idênticos aos demais fenômenos naturais (SEVERINO, 2010, p. 106).

Desse modo, adotou-se a negação da possibilidade de acesso à essência das coisas, tomando como conhecimento válido apenas aquele extraído dos fenômenos. Ou seja, só é possível conhecer aquilo que é dado à experiência sensível e que revela um conjunto de relações entre os objetos, que podem ser mensuradas com recursos da matemática, mas sem nunca chegar às suas eventuais essências (SEVERINO, 2010).

Emerge nesse processo um problema para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais. Nas Ciências Naturais, existe um sujeito observador e um objeto separado de quem observa, que pode, portanto, utilizar o método de modo supostamente destacado. Mas analisar um sujeito humano, inserido em

um contexto, é mais difícil, pois o pesquisador está dentro da coletividade humana e vive as suas dinâmicas (MENEGETTI, 2010).

Essas constatações culminam na necessidade de novos modos de se conceber a ciência, novos paradigmas que permitam preencher as lacunas ou superar os limites deixados pelo modelo positivista, como se observará na sessão a seguir.

5 O homem e a ciência contemporânea

Os avanços promovidos pelo método científico, desenvolvido na Idade Moderna, e a consagração do paradigma positivista de ciência levaram, por um lado, a progressos tecnológicos em uma velocidade até então não vista na história da humanidade: o homem passou a se comunicar em escala global, novos veículos de transporte permitiram deslocamentos cada vez mais rápidos pela terra, pela água e, agora, pelo ar, avanços importantes na medicina levaram ao aumento da qualidade e expectativa de vida, microscópios e telescópios cada vez mais potentes permitiram novas descobertas no micro e no macrocosmos. Por outro lado, apesar de todos esses avanços tecnológicos, chegou-se à constatação de que o entendimento integral do ser humano, do seu modo de ser, pensar e agir, ainda apresenta grandes lacunas: as guerras aumentam, as doenças crônicas da humanidade permanecem, ocorrem divisões frontais entre grandes povos, a experiência crescente da depressão e da angústia, e a evidência de que, apesar do grande avanço do conhecimento científico moderno, o homem não se conhece e não resolve a própria problemática existencial.

A Primeira Guerra Mundial fez os cientistas e os filósofos compreenderem que o homem estava destruindo a si mesmo. Enquanto antigamente, até os

sécs. XV e XVI, as guerras eram feitas entre blocos de diferentes religiões, as duas grandes guerras mundiais desenvolveram-se entre ‘irmãos em Cristo’. “Nós, ocidentais, com preeminência de civilização cristã, ao final sublimamos a arte da agressão. É preciso rever criticamente toda a epistemologia da nossa ciência. Depois de 2000 anos de história e de ciência, levamos o humano à hecatombe, colocamos o homem contra o homem” (MENEGETTI, 2010, p. 104).

Essas constatações de diferentes cientistas e filósofos sobre os resultados da visão moderna de ciência e de seu método levaram à incerteza e à ruptura com o cientificismo defendido pelo paradigma positivista. Köche (2009) destaca algumas passagens-chave nesse processo:

- é no interior da própria física que se inicia a ruptura com o dogmatismo e a certeza da ciência;

- com o advento da mecânica quântica – teoria dos quanta, de Planck (1900), teoria da relatividade, de Einstein (1905), princípio da complementaridade, de Bohr (1928), novo modelo de átomo, de Schrödinger (1927), princípio da incerteza, de Heisenberg (1927) – desvaneceu-se a pretensão cientificista e dogmática do determinismo e do mecanicismo;

- quebrou-se o mito da objetividade pura, isenta de influências das ideais pessoais dos pesquisadores.

Os avanços no campo da Física, com a passagem da relatividade de Einstein à física quântica, colocam definitivamente em crise a mecânica newtoniana, que não pode mais ser aplicada universalmente. Em particular, o princípio de indeterminação de Heisenberg evidencia que a matéria, apresentando, em nível subatômico, contemporaneamente características corpusculares e ondulatórias, pode ser influenciada pela ação humana. O

pesquisador não é mais um elemento neutro no momento do experimento, não é mais um observador destacado, mas determina o seu andamento. Os grandes pesquisadores da época são os primeiros a compreenderem que a matemática e a física não são capazes de dar demonstrações determinísticas da realidade, mas se baseiam em hipóteses adotadas *a priori*, as quais não se consegue evitar. O objetivo de unidade de método nas ciências não pode mais ser perseguido e sustentado (MENEGETTI, 2010).

Foi Edmund Husserl (1859-1938) a admitir a impossibilidade de encontrar resposta aos interrogativos profundos do ser humano por meio das chamadas Ciências Exatas. Partindo da inicial observação de uma crise da humanidade europeia, o cientista denunciou uma realidade em ato ainda mais profunda, descrita na sua obra *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (1976):

Segundo Husserl, o escopo natural dado à humanidade europeia pela filosofia grega havia sido perdido. Não obstante o desenvolvimento das ciências modernas, havia sido delineada uma crise interna a elas, que depois representava uma crise para a própria humanidade; a ciência, que se tornou *techné*, havia perdido o interesse pelo conhecimento real do próprio mundo, da própria natureza. Havia diminuído o sentido filosófico do saber e com ele todas as respostas aos porquês e aos escopos últimos da existência. A ciência havia se distanciado de todos os problemas decisivos para uma humanidade autêntica, como o fundamento da própria existência. As ciências que substituíram o pensamento filosófico clássico haviam perdido de vista o movente da vida, o sentido da existência do humano (MENEGETTI, 2010, p. 96).

Com o sucesso prévio do conhecimento científico para a explicação dos fenômenos naturais (físicos, biológicos, astronômicos) e em

decorrência dos seus pressupostos filosóficos, a ciência tinha passado a encarar também o ser humano como objeto de seu conhecimento, da mesma forma que os outros fenômenos naturais. O homem tinha passado a ser visto como um ser natural como todos os demais (naturalismo), submetido às mesmas leis de regularidade (determinismo) e, portanto, acessível aos mesmos procedimentos de observação, experimentação e mensuração (experimentalismo e racionalismo). Porém, na medida em que foram se desenvolvendo os estudos sobre os diferentes aspectos da fenomenologia humana, os pesquisadores começaram a perceber que o paradigma epistemológico único, representado pelo positivismo, não funcionava. “Rompe-se então o monolitismo do paradigma positivista e outros pressupostos epistemológicos são assumidos para fundamentar o conhecimento do homem. Por sua vez, essas novas posições epistemológicas carregam consigo outros pressupostos ontológicos” (SEVERINO, 2010, p. 112). Essas novas abordagens ontológicas e epistemológicas que passam a ser investigadas e desenvolvidas, a fim de se gerar novos conhecimentos que expliquem e auxiliem o ser humano e a sociedade atual, marcam o espírito científico contemporâneo:

A ciência é um produto do espírito humano (...) Para que haja ciência, há necessidade de dois aspectos: um subjetivo, o que cria, o que projeta, o que constrói com a imaginação a representação de seu mundo segundo as necessidades internas do pesquisador, e outro objetivo, o que serve de teste, de confronto. Há leis tanto num quanto noutro. O objetivo é conhecê-las. E à medida que as formas desvendando, a ciência reformula, atualiza aqueles conhecimentos provisórios. Esses dois aspectos é que fundamentam o caráter inovador no espírito científico contemporâneo (KÖCHE, 2009, p. 77).

Severino (2010) destaca que a complexidade do fenômeno humano e a insuficiência do paradigma positivista para a sua apreensão e explicação fizeram surgir novas referências teórico-metodológicas na ciência, tais como o Funcionalismo, Estruturalismo, Fenomenologia, Hermenêutica, Arqueogenealogia, Dialética, Pensamento Sistêmico, Complexidade, dentre outras. Entre os novos paradigmas que buscam trazer contribuições de valor humano para a ciência e para o conhecimento está a Ontopsicologia (MENDES, 2009; GIORDANI; MENDES, 2011; MONTENEGRO, 2012; SPANHOL, 2013; BAZZO et. al., 2014; CARRARA, 2014; VIDOR, 2015; SANTOS, 2016; WAZLAWICK et. al., 2017; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018; SILVA, B., WAZLAWICK, P., SCHAEFER, R., 2020; AZEVEDO, 2020). As contribuições da ciência ontopsiológica e a possibilidade da objetividade e da subjetividade, por meio do seu método científico, são descritos na sessão a seguir.

6 Contribuições da Ontopsicologia: a objetividade da subjetividade

Como visto anteriormente, para a ciência que se reputa objetiva, segundo a abordagem positivista, não se levam em conta as condições subjetivas de quem produz a ciência. Consequentemente, permanece fora de consideração a situação subjetiva do cientista. Desse modo, “o homem deixou de esclarecer quem é o homem, excluindo a sua compreensão interna do seio científico, e preocupou-se em voltar seu olhar para o externo, construindo uma ciência tecnológica de domínio sobre a natureza e de poder para manipular o homem. Com esses conhecimentos, a ciência não tem acesso ao modo de ser e agir da forma humana” (VIDOR, 2014, p. 37-38).

Meneghetti (2011, p. 183) evidencia que “a objetividade de qualquer conhecimento se origina da subjetividade do pesquisador”. Se não se tornar exato quem mede, não se poderá ter um critério de verdade. O conhecimento deve partir do íntimo da inteligência humana. Quando, no contexto científico, diz-se que o parâmetro da objetividade é externo, é como dizer que o metro deveria aprender a própria objetividade das coisas que mede. Seguindo essa analogia, primeiro se deveria estabelecer a subjetividade do metro e, depois, a partir dessa subjetividade, poder-se-iam imposter todas as outras objetividades.

A Ontopsicologia investiga e opera diretamente na subjetividade humana:

Em qualquer ciência, a precisão da pesquisa se assegura, exclusivamente, à perfeição do instrumento, portanto, [...] é necessária uma subjetividade exata. De fato, defino a Ontopsicologia “ciência da subjetividade”, que comporta o aperfeiçoamento gradual, através de metodologia específica, do instrumento de conhecimento (o Eu) (MENEGETTI, 2011, p. 185-186).

A ciência ontopsiológica, ao enfrentar o problema crítico do conhecimento, elaborou um método que, se for aplicado, possibilita à consciência colher a raiz do acontecimento da ação-vida no aqui e agora. A Ontopsicologia investiga como o intelecto pode colher a lógica do ser, dando o fundamento ontológico à nossa consciência (WAZLAWICK, 2015; SCHAEFER, 2016; VOLKOVA, 2016; AZEVEDO, 2017; SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R, 2020).

Obviamente deste aspecto é imediato o problema crítico do conhecimento: o homem quando conhece é real ou é fictício? É memético? É fenomenologia? O conhecer do homem é sincrônico ao real? Qual real? A realidade é aquela que mais identifica, que mais é próxima ao

homem enquanto objeto da realidade da natureza, das leis cósmicas. Estabelecida esta exatidão, nós podemos ver o escorrer daquilo que é o procedimento científico e cognoscitivo (MENEGETTI, 2005, p. 367).

Ao apresentar o paradigma conceitual sobre a motivação e obra da ciência ontopsiológica, Meneghetti (2014, p. 308) desdobra a definição de Ontopsicologia em:

- “Psicologia”: conhecimento e lógica da atividade psíquica, entendida como: a) processos emotivos, b) processos intelectivos, c) processos voluntários.

- “Onto”: é a causalidade que autoriza e explica o efeito ou fenomenologia. “Onto” é a causalidade de toda fenomenologia, portanto, o mundo da causalidade da nossa vida e sociedade.

O autor avança na explicação, evidenciando que a consciência, “sede de reflexão cerebral individual física e lógica, é impressionada pelas imagens pré-fabricadas. Não há o nexa causal com o ‘onto’. Portanto, é necessário fazer metanoia com método ontopsiológico. Então, é possível o verdadeiro para o operador de conhecimento. A fenomenologia como reflexão autêntica do verdadeiro ôntico” (MENEGETTI, 2014, p. 308). Desse modo, a Ontopsicologia contribuiu para a refundação crítica da ciência.

A Ontopsicologia, ou Ontologia do homem, possui um objeto, um método e um fim específicos que a caracterizam enquanto ciência distinta das outras, mas, ao mesmo tempo, interdisciplinar (MENDES, 2009; SCHAEFER, 2016; WAZLAWICK et. al., 2016; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018; AZEVEDO, 2020; SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R, 2020). Ontopsicologia é ontologia aplicada ao projeto humano com racionalidade científica. Caracteriza-se como uma ciência epistêmica, um

conhecimento elementar que pode ser usado como preliminar à exatidão científica em geral. Seu objeto de estudo é a atividade psíquica em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser. Para essa investigação, estruturou um método capaz de restituir ao homem a possibilidade de atuar o nexa ontológico, ou seja, fazer coincidir o modo com que pensa e reflete (*psique*) com o modo do real (*onto*) (MENEGETTI, 2010).

O método científico utilizado pela Ontopsicologia é definido como *bilógico*: “processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). O primeiro momento do método ontopsiológico (processo racional indutivo-dedutivo) é aquele utilizado pelo homem desde sempre, descrito já por Aristóteles na Antiguidade Clássica, como acenado anteriormente. Toda a história das ciências converge sobre este ponto: o homem usa um sistema de racionalidade que é indutivo-dedutivo. A Ontopsicologia acrescenta um segundo aspecto metodológico: o processo racional indutivo-dedutivo é necessário, mas não suficiente; para se ter uma racionalidade exata, é preciso integrá-lo com três descobertas da ciência ontopsiológica, três epistemes complementares, que são o campo semântico, o monitor de deflexão e o Em Si ôntico. Essas três descobertas, que são epistemes racionais, complementam o processo indutivo-dedutivo, consentindo a capacidade exata de leitura do real, ou seja, a exatidão de consciência (MENDES, 2009; SPANHOL, 2013; VIDOR, 2015; SCHAEFER, 2016; WAZLAWICK et. al., 2016; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018; AZEVEDO, 2020; SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R, 2020).

A consciência do homem, portanto, antes de produzir

conhecimento, analisar e julgar, estabelecendo regras externas para a ciência, necessita de metanoia ou de consciência exata. “Não se trata de conformar a consciência a uma nova ideologia, mas de desfazer-se de opiniões infundadas para construir o saber que coincide com a ordem e a forma de ser da vida humana, trata-se de conformar a mente consciente a como se é” (VIDOR, 2014, p. 99). Para tanto, a Ontopsicologia revê e requalifica a posição de responsabilidade do homem enquanto tal, no seu posicionamento natural e original, ou seja, como o homem é constituído pelas leis da natureza. O seu interesse e escopo é a autenticidade, a exatidão do operador enquanto homem. Por consequência, configura-se como uma ciência interdisciplinar, pois, uma vez que o homem é exato, autêntico na hipótese de natureza, pode fazer as devidas ciências: física, biologia, filosofia, informática, etc. (MENEGETTI, 2005).

Tendo como objeto de estudo a atividade psíquica em conexão com a dimensão ontológica do homem, que é o sujeito de toda pesquisa científica, a Ontopsicologia pode ser a epistemologia-base de toda pesquisa particular, isto é, fornece o critério e o método que certifica a exatidão cognoscitiva de qualquer práxis científica (SCHAEFER, 2016; SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R, 2020). “O fato de que a Ontopsicologia seja epistêmica a todas as outras ciências significa que pode dar as premissas a fim de que cada ciência seja exata, enquanto ensina a exatidão ao cientista e abre a exatidão da natureza das coisas” (MENEGETTI, 2013, p. 72). Resgatando a origem etimológica de “ciência” na língua latina, temos que ciência é *scio entis actio*, ou seja, saber a ação do ser, saber como o ente age. O pensar, portanto, necessita refletir em coincidência com a variação do ser. A ciência não pode limitar-se à percepção

de alguns sentidos externos para produzir conhecimento verdadeiro em função do humano. “O acréscimo que se pretende dar ao método é o de voltar o olhar ao interior mundo-da-vida, da atividade psíquica, como inteligente condutora do saber humano adequado para humanizar” (VIDOR, 2014, p. 41).

7 Considerações Finais

A compreensão da própria identidade, enquanto dimensão ontológica, sustenta a exatidão e o valor do conhecimento humano. Há um conhecimento para ser que é indispensável para o conhecimento que produz ciência.

Como se percebeu ao longo deste artigo, o homem construiu, com a evolução do método científico, um conhecimento unilateral por não se conhecer, servindo-se de um modo parcial de si mesmo, por desconhecer o próprio íntimo, que é a raiz do saber original humano.

A ciência da objetividade externa construiu um conhecimento tecnológico de avançado domínio sobre o mundo exterior. Elaborou uma metodologia fixa, mantendo-se restrita aos aspectos perceptíveis externos e presa à fenomenologia de efeitos. Porém, usando somente a sensorialidade externa, o conhecimento fica restrito e condicionado a uma percepção que não abrange e nem inclui informações provenientes da totalidade da mente da vida. Para que o conhecimento humano seja coincidente com a própria identidade e, portanto, função para o coletivo, o homem necessita resgatar a própria dimensão ontológica: aquilo que *sabe* deve ser coincidente com aquilo que *é*.

A dimensão interna da vida humana manteve-se desconhecida e impossibilitada de acesso por longos períodos da história da ciência. No entanto, existem objetos internos a serem

compreendidos, informações da vida subjetiva que devem ser consideradas para se ter acesso à forma original e autenticamente humana.

Assim, o conhecimento humano necessita reencontrar a unidade do saber, mediante a tradução do próprio ser. O mundo-da-vida reúne em si o mundo interno e o mundo externo, que se fazem presentes no modo de ser humano. Dessa maneira, o saber só promove ação de valor humano se estiver em conexão com o constituinte da natureza humana: ser, saber e fazer devem convergir em unidade.

A Ontopsicologia é a ciência que permite restabelecer o nexa entre a lógica da atividade psíquica e o ser do homem (nexa ontológico). É ciência interdisciplinar, porque reencontrou o constituinte-base que projeta o conhecimento científico, segundo a medida da dimensão ontológica humana, permitindo integrar as ciências e restabelecer o equilíbrio entre o homem e seus produtos. É ciência epistêmica, pois leva ao fundamento do saber, que é o critério para verificar o valor e a veracidade do conhecimento humano, permitindo, assim, o discernimento para examinar os limites da ciência constituída, eventuais imprecisões e aperfeiçoar o conhecimento funcional e útil à humanidade.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dizionario di filosofia**. 3. ed. Turim: UTET, 1998.
- AZEVEDO, E. L. **O método ontopsiológico na clínica psicológica contemporânea**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- AZEVEDO, E. L. **Is There An Information Field in The Life World? Empirical Approach with Physical Distance and Faraday Shielding to Test a Non Local Communication Phenomenon With Human Beings**, 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica. Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2020.
- BAZZO, P. S.; RIBAS, F. T.; PEREIRA, B. A. D. Consulting as transforming practice: an analysis of the application of the ontopsiological model on Brazilian companies. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação** – Brazilian Journal of Management & Innovation, v.1, n.3, maio/ago. 2014, p. 48-62.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2009.
- CARRARA, C. Entrepreneur's forma mentis as a factor of economic success. In: DMITRIEVA, V. (Org.). **The man in dialogue with the surrounding world: an ontopsiological approach**. São Petersburgo: Imprensa Universitária, 2014.
- CERVO, Samuel C.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007
- GALLIANO, A. G. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986.
- GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. Pedagogia ontopsiológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. **Nuances: estudos sobre Educação**. Ano XVII, v. 20, n. 21, p. 43-62, set./dez. 2011
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- KUHN. T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva,

1997.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDES, A. M. **Método para a gestão do conhecimento em iniciação científica segundo os pressupostos da Ontopsicologia**, 2009. 173f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2013.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, A. **O residence ontopsiológico**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2005.

MENEGHETTI, A. **Projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MIRANDA, C. S. **O processo criativo de uma agência publicitária a partir dos princípios da ontopsicologia e da OntoArte**. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MONTENEGRO, A. C. V. **A formação de líderes segundo a Ontopsicologia..** 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

NICOLA, U. **Antologia ilustrada da filosofia**. São Paulo: Globo, 2005.

SANTOS, R. P. **O princípio da dignidade da pessoa humana como regulador da economia no espaço transnacional: uma proposta de economia humanista**. 2015. 568f. Tese (Doutorado em Ciência Jurídica) - Centro de Educação de Ciências Sociais e Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. 2015.

SCHAEFER, R. A filosofia perene como conhecimento propedêutico à compreensão e aplicação da ciência ontopsiológica. **Saber humano**, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, p. 199-214, fev./2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R. A refundação crítica da ciência e a ontopsicologia. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 12, n. 2, p. 170-186, ago. 2020

SPANHOL, C. I. D. A. **Significados e sentidos da formação continuada, segundo o método ontopsiológico: um estudo com professores do ensino superior**. 2013. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidad del Mar, Chile, Viña del Mar, 2013.

VIDOR, A. **Opinião ou ciência: tecnologia x vida**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. **Filosofia pura: a atividade psíquica deve manter-se em nexos ontológico**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; MIKHALYUK, O.; VEREITNOVA, T.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; SILVA, J.; SALLES, P. Sobre a socialização dos jovens modernos: breve discussão entre conceitos da Sociologia, da Psicologia Social e Histórico-Cultural. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande (RS), v. 33, p. 331-343, 2016.

WAZLAWICK, P. Quando se toma o todo pela parte: porque Ontopsicologia não é Psicologia. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Ontopsicologia: ciência interdisciplinar**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2015.

WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; VEREITNOVA, T.; MIKHALYUK, O.; VOLKOVA, I. Ambiente formativo do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. **Saber humano**, v. 6, p. 39-57, 2016.

WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; VEREITNOVA, T.; MIKHALYUK, O. Para a definição do conceito de socialização positiva de jovens. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.2, p.78-100, 2017.

WEBER, C. **A Imagem fotográfica e seus usos: Aproximações da Ontopsicologia com a Ciência da Informação**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Informação, Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.